

	CURSO: Licenciatura em Ciências Sociais	
	DISCIPLINA: Metodologia de Ensino de Ciências Sociais	
	TURMA: 3-4-A	2º semestre 2018
	PROF(a): Regina Magalhães de Souza	
	NOME: Derick Casagrande Santiago	
RA: 917204746		

Sequência didática

Título: O surgimento da Sociologia

Objetivos

Objetivo geral: apresentar o surgimento da Sociologia como expressão da preocupação com a realidade objetiva.

Objetivos específicos:

- Especificar o contexto histórico do surgimento da Sociologia;
- Identificar os fatores conjunturais que contribuíram para o surgimento da Sociologia;
- Apontar a natureza dos fatos e fenômenos que a Sociologia se propôs a compreender.

Conteúdo

- Problemas atuais abordados pela Sociologia;
- A perspectiva sociológica para a compreensão objetiva da realidade;
- A Revolução Industrial, as transformações e os problemas dela decorrentes;
- A Sociologia como novo campo científico no século XIX.

Desenvolvimento do conteúdo

A partir da enumeração de problemas atuais que são interpretados pela Sociologia e, por meio de suas contribuições, solucionados por ela, evidenciar sua relevância como campo científico mesmo que sua origem seja datada do século XIX.

Contextualizar a obra *O Germinal* e seu autor, Emile Zola. Expor os fatores que contribuíram para o surgimento da Sociologia, partindo de leitura coletiva de trechos da obra “O germinal” e discussão conjunta de seus principais aspectos, de forma que sejam evidenciadas as mudanças proporcionadas pela Revolução Industrial, sobretudo no âmbito econômico e nas relações de produção.

Assim, estabelece-se a conjuntura econômica e social que tornou a realidade social mais complexa e, conseqüentemente, favoreceu o surgimento da Sociologia como um novo campo científico, evidenciando sua especificidade e sua preocupação com a realidade objetiva.

Recursos didáticos

- Cópias do trecho de “O germinal”;
- Uso de lousa ou quadro branco e giz ou caneta para quadro branco.

Avaliação

- Participação na leitura coletiva do trecho de “O germinal”;
- Participação na discussão sobre o trecho de “O germinal”.

Referências

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A revolução industrial**. São Paulo: Ática, 1988.

IANNI, O. A Sociologia e o mundo moderno. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo. 1989, v. 1, n. 1. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/83315/86342> >. Acesso em: 23 de maio de 2018.

LALLEMENT, M. **História das ideias sociológicas**: das origens a Max Weber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARTINS, Carlos B. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Júlio Ernesto. A organização do movimento grevista em *Germinal*: algumas considerações histórico-políticas. *Revista O Olho da História*, n. 25, out. 2017. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2018/04/julioernesto.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2018.

ZOLA, E. **O germinal**. São Paulo: Martin Claret, 2006. Disponível em: < http://ciml.250x.com/archive/literature/portuguese/zola_germinal.pdf >. Acesso em: 12 jun. 2018.

TRECHOS SELECIONADOS DE “O GERMINAL”

[...] O operário não podia aguentar mais; a revolução só servira para agravar-lhe as misérias; a partir de 89 os burgueses é que se enchiam, e tão vorazmente que nem deixavam um resto no fundo do prato para o trabalhador lambar. Quem poderia demonstrar que os trabalhadores tinham tido um quinhão razoável no extraordinário aumento da riqueza e bem-estar dos últimos cem anos? Zombaram deles ao declará-los livres. Livres para morrerem de fome, isso sim, e do que, aliás, não se privavam. Não dava pão a ninguém votar em malandros que, eleitos, só queriam locupletar-se, pensando tanto nos miseráveis como nas suas botas velhas. Era preciso terminar com isso, de uma maneira ou de outra: ou por bem, por meio de leis, num acordo amigável, ou por mal, como selvagens, queimando tudo e devorando-se uns aos outros. Se isso não fosse feito agora, pela atual geração, seus filhos com certeza o fariam, já que o século não podia terminar sem outra revolução, desta vez a dos operários, uma revolução devastadora que varreria a sociedade de alto a baixo para reconstruí-la mais decente e justa (ZOLA, 2006, p. 113).

Em suma, Etienne achava-se melhor que na pensão de Rasseneur. A cama não era má, e os lençóis, mudados uma vez por mês. A sopa, muito boa, mais substanciosa mesmo que a da pensão: só sentia falta da carne, que vinha raramente à mesa. Mas todos os outros estavam na mesma situação, não podia exigir, por quarenta e cinco francos mensais, coelho a cada refeição. Esses quarenta e cinco ajudavam a família, ela podia continuar vivendo, ainda que deixando pequenas dívidas para trás. Por sua vez, os Maheu mostravam-se reconhecidos ao hóspede, sua roupa era lavada, remendada, os botões pregados, suas coisas estavam sempre em ordem. Enfim, o rapaz vivia rodeado de asseio e bem cuidado pela dona da casa. Foi por essa época que Etienne começou a compreender as idéias que lhe fervilhavam na cabeça. Até então não passara de um revoltado instintivo absorvendo a surda fermentação dos companheiros. Uma gama variada de perguntas confusas não o deixava em paz: por que havia tanta miséria de um lado e tanta riqueza de outro? Por que estes tinham de viver escravizados àqueles, sem a menor esperança de um dia mudarem de posição? A primeira etapa vencida foi a da compreensão de sua ignorância. Uma vergonha secreta, um desgosto oculto começaram a atormentá-lo: nada sabia, não ousava falar sobre essas coisas que eram a sua paixão, a igualdade entre os homens, a justiça que exigia que os bens da terra fossem repartidos entre todos. Por isso começou a estudar, sem método, como fazem aqueles que são ignorantes mas têm sede de saber. Entabulou uma correspondência regular com Pluchart, mais instruído e a par do movimento socialista. Encomendou livros cuja leitura mal digerida acabou por exaltá-lo, sobretudo um livro de medicina, Higiene do Mineiro, em que um médico belga fazia o resumo das doenças de que morrem os trabalhadores das hulheiras, sem contar os tratados de economia política de uma aridez técnica incompreensível, folhetos anarquistas que o perturbavam, números antigos de jornais que lia e guardava depois como argumentos irrefutáveis em possíveis discussões. Também Suvarin lhe emprestava livros, e a obra sobre sociedades cooperativas fizera-o sonhar durante um mês com uma associação universal de intercâmbio, abolindo o dinheiro e baseando toda a vida social no trabalho. A vergonha de sua ignorância foi cedendo lugar a um certo orgulho desde que sentia que pensava (ZOLA, 2006, p. 129).